
Padrões narrativos na representação de regiões brasileiras: um estudo sobre o Norte no Jornal Nacional¹

Beatriz da Silva de Sá Dias²
Maiara Carvalho Batista Maduro³
Faculdade IELUSC

Resumo

Esta pesquisa realiza uma análise quanti-quali sobre a representação da região Norte do Brasil no Jornal Nacional (Rede Globo), com foco em investigar os padrões narrativos e se eles contribuem para a construção da imagem social dessa região. A investigação parte de 156 edições do telejornal exibidas no primeiro semestre de 2024, com uma amostra de 46 produções, entre matérias e notas cobertas, sobre ou com menções ao Norte. A análise dos dados observou a frequência de menções de cada Estado, os formatos, tempo de duração de cada produção, temáticas e a forma como os assuntos foram retratados. A análise revela que a cobertura do Norte limita-se a questões ambientais e sociais e identifica padrões narrativos estereotipados. Os resultados propõem uma reflexão sobre a necessidade de ampliar a representatividade na mídia para garantir a pluralidade regional.

Palavras-chave

Região Norte. Telejornalismo. Representatividade. Estereótipo.

Introdução

A região Norte do Brasil, formada pelos estados do Acre (AC), Amapá (AP), Amazonas (AM), Pará (PA), Rondônia (RO), Roraima (RR) e Tocantins (TO), é comumente associada à Floresta Amazônica, reconhecida por sua vasta biodiversidade. Embora seja a maior região territorial do país, correspondendo a cerca de 45% da área total do Brasil (IBGE, 2022), costuma ser retratada pela mídia nacional de maneira estereotipada e simplificada, frequentemente apresentada como periférica e exótica em relação às demais regiões do país (Costa, 2021).

Estudo recente revela um padrão narrativo marcado por uma perspectiva de controle sobre a Amazônia, no qual o papel das populações locais é marginalizado. Nesse contexto, o discurso predominante da mídia nacional tende a reforçar a ideia de que o “centro” (representado pelo Sul e Sudeste, especialmente pelo governo federal e pela mídia) detém o poder decisório sobre o destino da Amazônia (Costa, 2021).

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista formada pela Faculdade IELUSC em 2024.

³ Professora orientadora da pesquisa. Docente no curso de Jornalismo da Faculdade IELUSC. Doutora em Planejamento e Governança Pública pela UTFPR.

A percepção da Amazônia é fortemente moldada tanto pela ação do Estado quanto pelas representações difundidas pelos meios de comunicação. Em contraste, as populações locais constroem “espaços vividos” (Frémont, 1984 apud Costa, 2011) por meio de práticas cotidianas, saberes tradicionais e vínculos afetivos com o território. Essas construções coletivas são frequentemente ignoradas pela mídia, que, ao recorrer a generalizações, reforça estereótipos e silencia a diversidade da região Norte.

Dentre os meios de comunicação que disseminam informações e formam opiniões, destaca-se a televisão, cujo alcance e influência estão consolidados desde sua chegada ao Brasil. Em mais de 70 anos de presença no país, a TV conquistou um lugar privilegiado. Ao associar texto e imagem, potencializa sua capacidade comunicativa e seu papel como formadora de opinião (Monteiro, 2011). A televisão simula uma comunicação mais próxima da interação face a face, o que gera uma sensação de intimidade e conexão entre o conteúdo exibido e o telespectador.

A televisão desempenha papel central na construção da identidade nacional, ao moldar valores, culturas e o sentimento de pertencimento por meio de suas narrativas. Embora o conteúdo seja filtrado pelas experiências individuais dos telespectadores, o telejornalismo atua como um agente poderoso na produção de sentidos e na consolidação de representações sociais (Monteiro, 2011). Diante disso, considerando o papel da televisão no imaginário nacional e tendo em vista a recorrente representação estereotipada dos estados da região Norte, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar como o principal telejornal do país, o *Jornal Nacional*, da Rede Globo, retrata a região Norte.

O papel do telejornalismo na construção de uma identidade nacional

O telejornalismo brasileiro teve origem entrelaçada à própria história da televisão no país, iniciada oficialmente em 1950 com o telejornal “Imagens do Dia”, exibido um dia após a inauguração da TV Tupi (Paternostro, 1999). De caráter radiofônico e com recursos visuais limitados, os primeiros programas se apoiavam em locuções em off e imagens em preto e branco, refletindo o desafio de adaptar a linguagem radiofônica para o novo meio audiovisual.

Com o avanço tecnológico na década de 1960, a regionalização da mídia começou a ganhar força - o uso do videotape é um exemplo -, que permitiu a troca de

conteúdos entre centros urbanos e regiões periféricas (Peruzzo, 2005; Oliveira Filho, 2018). Com isso, surgiu uma dinâmica entre o telejornalismo nacional e o regional, evidenciada por autores como Aguiar (2016), que apontam para a importância de compreender os diferentes níveis geográficos da mídia: local, regional e nacional, cada qual refletindo e moldando identidades distintas.

Desta forma, entende-se que o telejornalismo atua como ferramenta de construção da identidade nacional. A forma como as narrativas são construídas permite ao público se reconhecer e se sentir representado. Ainda assim, estudiosos como Priolli (2000) e Kurth (2006) alertam para os riscos de uma cobertura excessivamente centrada no eixo Rio-São Paulo, reforçando uma visão desigual do país, onde o centro é visto como moderno e avançado, enquanto o restante é marginalizado.

Becker (2004) observa que os telejornais operam por meio de um “efeito de realidade”, sustentando o mito da objetividade jornalística ao apresentar os fatos como representações neutras e diretas do real, quando, na verdade, são fruto de decisões editoriais. Essa forma de narrar os acontecimentos não apenas limita a compreensão crítica do processo jornalístico, mas também contribui para a construção de uma identidade nacional marcada por assimetrias. Ao selecionar certos temas, vozes e regiões em detrimento de outros, os telejornais participam ativamente da produção de uma visão de Brasil que nem sempre contempla sua diversidade territorial, cultural e social — o que reforça estereótipos e silencia experiências que não se enquadram no imaginário dominante.

Jornal Nacional e o projeto de união do Brasil

Lançado em 1969, o *Jornal Nacional* (JN) foi o primeiro telejornal brasileiro transmitido em rede nacional. Criado por Armando Nogueira, Alice Maria e Walter Clark, teve o objetivo de centralizar e padronizar a produção de notícias no país (Rezende, 2000). Inspirado no modelo norte-americano, o JN introduziu reportagens com som direto, entrevistas e imagens ilustrativas, diferenciando-se do estilo radiofônico do *Repórter Esso* (Paternostro, 1999; Bonner, 2009). Desde seu início, teve papel estratégico na integração nacional, apoiado pela infraestrutura tecnológica da Embratel, que unificou a transmissão entre as capitais até 1972 (Cruz, 2009).

De acordo com Priolli (2000), a Rede Globo utilizou o JN como ferramenta política e comercial, padronizando o conteúdo nacional e atraindo anunciantes. Durante a ditadura, operou sob censura, mas abordou temas culturais e internacionais, sendo criticado por consolidar um modelo jornalístico frio e fragmentado (Kurth, 2006).

Ao longo do tempo o programa passou por transformações estéticas e narrativas, com a adoção de recursos digitais, gráficos e uma linguagem mais acessível, especialmente a partir da chegada de William Bonner como editor-chefe (Bonner, 2009). Investiu em séries especiais e interatividade online (Sgorla & Fossá, 2008; Menezes & Pietrobelli, 2019). Embora criticado pelo monopólio informativo e pela construção de uma narrativa homogênea, também buscou valorizar a diversidade regional, como na celebração de seus 50 anos, em 2019, ao integrar jornalistas de vários estados à apresentação (João Roberto Marinho, 2019). Ainda líder de audiência, o JN enfrenta o desafio de manter relevância no ambiente digital, competindo com redes sociais e plataformas de *streaming*.

Percurso metodológico

Ao considerar que o objeto de estudo - *Jornal Nacional* - é transmitido em rede aberta de televisão e possui suas edições disponíveis no ambiente digital, a primeira etapa consistiu na visualização de 156 edições do telejornal, no período de 1º de janeiro a 29 de junho de 2024. Foram registradas menções aos sete estados que compõem a região Norte do Brasil para formar o corpus da pesquisa. Ao todo, são 46 produções, entre reportagens e notas coberturas, totalizando 94 minutos e 54 segundos de conteúdo.

O corpus foi analisado a partir do caminho metodológico utilizado por Sarah Dantas do Rego Silva e Michele Goulart Massuchin (2019), no qual as autoras analisaram a representação da região Nordeste no *Jornal Hoje*. No trabalho, foi empregada a técnica de Análise de Conteúdo proposta por Martin W. Bauer. As autoras estruturaram a investigação em duas frentes: uma quantitativa, baseada na categorização prévia de variáveis como tema, estereótipos, estados mais citados, formato, abordagem e presença de repórter local; e outra qualitativa, voltada à compreensão do processo de representação e visibilidade da região, a partir das falas dos jornalistas e da identificação de traços estereotipados. Com base nessa proposta metodológica, o presente estudo adota estratégia semelhante para a organização, análise e discussão dos dados coletados.

Análise dos dados

O Amazonas foi o estado mais mencionado, com 12 reportagens e 1 nota coberta, revelando um foco específico em temas como meio ambiente, segurança pública e saúde, geralmente associados a crises sociais e ambientais que afetam a região Norte. O segundo estado com maior menção foi Roraima, com 10 reportagens e 2 notas cobertas, seguido do Pará, com 6 reportagens e 5 notas cobertas, principalmente em temáticas ambientais, indicando uma crescente preocupação com a situação da Amazônia e seus desdobramentos na região Norte. Os estados do Acre, Tocantins e Amapá tiveram 4 reportagens e 1 nota coberta, 2 reportagens e 1 nota coberta e 2 reportagens, respectivamente. As reportagens concentraram-se principalmente em temas ambientais, como incêndios em Roraima e Tocantins, enchentes no Acre e a assistência social recebida pelo estado. O único estado da região Norte que não foi mencionado no período analisado foi Rondônia.

A classificação das abordagens é predominantemente negativa: no total de 32 produções negativas - entre reportagens e notas cobertas -, 11 mencionaram o estado de Roraima, disparidade que ressalta uma tendência da mídia em focar mais em aspectos negativos e problemáticos, o que pode perpetuar uma imagem desfavorável da região Norte no restante do país.

Por outro lado as abordagens positivas somam 11 produções, destacando principalmente os estados do Amazonas e do Pará, com ênfase em temas culturais, sociais e políticos. Apenas 3 produções foram classificadas como neutras, abrangendo temáticas variadas, como segurança pública, meio ambiente e questões sociais.

O tempo total de cobertura somado é de 94 minutos e 54 segundos. Considerando que o telejornal tem uma duração média de 30 minutos a 1 hora, a visibilidade dada à região Norte é baixa. Em seis meses, apenas 46 matérias mencionaram algum estado dessa região, e a maioria das reportagens apresentaram uma conotação negativa. Isso evidencia que a cobertura do telejornal não prioriza nem coloca como tema central os eventos e questões do Norte, refletindo uma falta de representatividade nas pautas.

Tabela 3 - Soma do tempo de reportagem/nota coberta

Temática	Quantidade	Tempo Total
Meio Ambiente	15	31min57s
Segurança Pública	12	20min13s
Saúde	6	20min59s
Social	5	7min2s
Cultura	4	9min9s
Política	2	4min57s
Infraestrutura	1	19s
Acidente	1	18s
Total	46	94min54s

Fonte: autoras, 2025.

A cobertura da categoria "Meio Ambiente" sobre a região Norte no período analisado concentrou-se principalmente em temas negativos, como queimadas, desmatamento e desafios enfrentados por comunidades indígenas. Exemplos incluem reportagens sobre a seca histórica na Amazônia em 2023, atribuída às mudanças climáticas, e declarações de emergência em municípios de Roraima devido a incêndios florestais. Ao longo do período, houve 15 menções, de maioria desse tipo, e registrou o percentual mais alto, com 32,6% do total, refletindo uma abordagem predominantemente problemática e alarmista na mídia, sem destaque para soluções ou iniciativas positivas na região. Isso reforça uma cobertura que enfatiza crises e adversidades, deixando de lado uma visão mais equilibrada e abrangente da região.

A categoria de "Segurança Pública" obteve 26% do total e abrange reportagens e notas relacionadas a operações policiais, como a ação para expulsar garimpeiros da Terra Yanomami em Roraima, ou também ação da polícia para prender um chefe indígena acusado de abusos sexuais em uma cidade do Amazonas. Outra vez a análise mostra que a cobertura no *Jornal Nacional* tem um viés predominantemente negativo: das 12 matérias sobre o tema, 11 abordam os acontecimentos de forma desfavorável à região. Esse enfoque reforça a percepção de uma crise contínua, evidenciando questões como a exploração ilegal, impactos ambientais e violações de direitos, o que projeta uma imagem de complexidade, conflito e violência na região Norte.

A categoria “Saúde”, representou 13% do total, todas as 6 menções apresentaram um teor negativo, reforçando uma imagem de precariedade na região. A cobertura destacou exclusivamente problemas, como na reportagem sobre indígenas Munduruku no interior do Pará com níveis alarmantes de mercúrio no corpo ou ainda sobre a maternidade com UTI para bebês que funciona em hospital feito de lona em Roraima. Essas abordagens contribuem para uma percepção desequilibrada da região, enfatizando suas deficiências e evidenciando um foco que perpetua a visão de abandono e crise sanitária na região.

Na categoria “Social” foram inseridas menções que falavam sobre algum tipo de assistência social aos cidadãos, como apoio a indivíduos, famílias e à comunidade no enfrentamento de suas dificuldades, por meio de serviços, benefícios e programas. Ao todo foram 5 menções, que tiveram 10,8% do total, com a maioria das temáticas negativas.

A temática “Cultural” teve 4 menções, todas positivas, representando apenas 8,6% do total. Essas menções destacaram eventos tradicionais e festivos, como o festival de Parintins. Embora seja positivo que todas as reportagens culturais tenham um teor favorável, o baixo percentual revela um desequilíbrio na cobertura. O Jornal Nacional não aproveita plenamente a riqueza cultural da região Norte para evidenciar aspectos positivos, o que contribui para um retrato estereotipado, enfatizando desproporcionalmente as questões negativas e perpetuando uma imagem limitada da região.

A temática “Política” apareceu com 4,3% do total, com apenas duas matérias que falavam sobre as ações e compromissos do Governo Federal, como por exemplo a visita do Presidente Lula e do presidente Macron, da França, na cidade de Belém para uma reunião com lideranças indígenas. E a outra que destacou uma comitiva do Governo as cidades afetadas pela enchente no Acre.

Nas categorias de “Infraestrutura” e “Acidente”, foi contabilizada apenas uma menção em formato de nota coberta, de teor negativo e com 2,1% do total, para cada categoria. Na temática de infraestrutura destaca-se uma nota que falava sobre um incêndio na comunidade da cidade de Manaus, a causa provável do acidente teria sido por causa da má infraestrutura do local. Sobre a categoria “Acidente”, foi uma nota coberta falando sobre a queda de um avião de pequeno porte na cidade do Acre.

Constata-se, assim, que a maioria das matérias estavam relacionadas a temas negativos. Evidenciando um desequilíbrio na cobertura midiática da região Norte pelo Jornal Nacional, o que projeta uma imagem de crise e precariedade contínuas. Esse viés é perceptível em todas as categorias principais, como “Meio Ambiente”, “Segurança Pública” e “Saúde”, que juntas compõem a maior parte das matérias e reforçam estereótipos de desordem, carência e violência.

Discussão dos resultados

A análise revela uma persistente construção estereotipada da região Norte, frequentemente associada a cenários de violência, abandono e catástrofes ambientais. Os estados da Amazônia são majoritariamente retratados como locais exóticos, distantes da "normalidade" nacional, e marcados pela precariedade. Essa abordagem contribui para reforçar uma imagem negativa e marginalizada da região, com pouco espaço para narrativas que contemplem a diversidade cultural, os avanços sociais ou as dinâmicas locais de resistência.

Observou-se, também, uma recorrência na associação entre a região Norte e temas como desmatamento, queimadas, conflitos fundiários e ações ilegais, como garimpo e extração de madeira. Ainda que esses sejam problemas reais, a cobertura jornalística tende a reforçar uma lógica reducionista, em que o Norte aparece apenas como “problema ambiental” ou “território de conflito”, sem considerar os contextos sociais mais amplos ou a complexidade dos atores envolvidos. Com isso, a região é desumanizada, apresentada mais como espaço geográfico do que como território habitado por sujeitos com voz.

Outro estereótipo marcante é a visão assistencialista: as populações locais são frequentemente retratadas como carentes e dependentes da intervenção externa, seja do governo federal, de ONGs ou de celebridades engajadas. Essa abordagem ignora ou minimiza a agência das comunidades locais, seus saberes tradicionais e suas formas de organização. Em vez de protagonistas, os nortistas surgem como vítimas passivas de tragédias ou de negligência institucional, o que alimenta uma visão colonizadora da presença de “salvadores” vindos de fora.

Apesar de algumas reportagens pontuais que buscam valorizar elementos culturais ou iniciativas locais, essas são exceções dentro de um padrão narrativo

dominante. O resultado é a manutenção de um imaginário nacional sobre o Norte como um "outro" a ser observado de longe, como algo exótico ou problemático, e não como parte integral e complexa do Brasil. Esse tratamento reforça desigualdades simbólicas e afeta diretamente a forma como a região é percebida e tratada em políticas públicas e no debate nacional.

Conclusão

Este estudo analisou como o Jornal Nacional representa a região Norte do Brasil, identificando uma cobertura marcada por estereótipos, negatividade e baixa representatividade. Das 46 produções examinadas, apenas 36 trataram especificamente da região, sendo 26 com tom negativo, reforçando imagens associadas a crises ambientais e sociais. A literatura aponta que esse tipo de abordagem contribui para a estigmatização do Norte e reforça uma visão excludente da identidade nacional, centrada no eixo Sul-Sudeste. Observou-se ainda superficialidade na cobertura de temas culturais relevantes, como o Festival de Parintins.

Os resultados reforçam o papel da mídia na construção de uma identidade nacional desigual e centralizada, frequentemente aceita sem questionamento pelo público. Como limitação, ressalta-se o recorte amostral, restrito a um único telejornal de alcance nacional. Estudos futuros poderiam ampliar o corpus analisado, incluindo outras emissoras e plataformas midiáticas, bem como considerar a recepção dessas representações pelo público nortista, aprofundando a compreensão sobre os impactos simbólicos dessa cobertura.

Referências

- AGUIAR, Sonia. **Territórios do jornalismo: geografias da mídia local e regional do Brasil**. Petrópolis: Vozes, Rio de Janeiro: Editora PUC-RS, 2016.
- BECKER, Beatriz. **A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil**. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.
- BONNER, William. **Jornal Nacional: Modo de fazer**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2009.
- COSTA, Vânia Maria Torres. A Amazônia “nossa” de cada dia no jornalismo de televisão. **Intexto**, Porto Alegre, n. 52, e-91822, jan./dez. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583202152.91822>. Acesso em: 4 out. 2024.
- CRUZ, Renato. **A TV Globo e a Embratel**. In: O Estado de São Paulo. 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Censo 2022: Panorama, 2022. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 12 out. 2024.

KURTH, Estela. **Representação das emissoras regionais na grade nacional de programação das redes de televisão**. IN: Estudos em Jornalismo e Mídia. Vol. III No 1 - 1o semestre de 2006.

MARINHO, João Roberto. prefácio. In: memória globo (org.). **jornal nacional: 50 anos de telejornalismo**. 1. ed. rio de janeiro: globo livros, 2019. p. [11-13]. 2019.

MENEZES, Márcia; PIETROBELLI, Paloma. Internet e novas mídias. In: MEMÓRIA GLOBO (Org.). **Jornal Nacional: 50 anos de telejornalismo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. p. [369-383].

MONTEIRO, Glauce Cristhiane da Silva et al. **Amazônias na TV: a presença local no telejornalismo nacional**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

OLIVEIRA FILHO, José Tarcísio. Telejornalismo Local e Regional em Discussão: uma Análise dos Trabalhos Apresentados no GP de Telejornalismo da Intercom. In: **Intercom Sudeste**, Belo Horizonte, 2018. Anais disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-1377-1.pdf>. Acesso em: 15 set. 2024.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV: Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1999. Paulo: Editora Summus, 2000.

PERUZZO, Cicilia. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 26, n. 43, p. 67-84, 2005. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/view/8637/6170>. Acesso em: 20 ago. 2024.

PRIOLLI, Gabriel. **Antenas da Brasilidade**. In HAMBURGER, Esther (org.).and ideology). Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, n. 2, p. 33-46, 2000.

REZENDE, Guilherme Jorge. **Telejornalismo no Brasil**: Um perfil editorial. 3- São Paulo, Summus Editorial, 2000.

SILVA, Sarah Dantas do Rego; MASSUCHIN, Michele Goulart. Construção do Nordeste no telejornalismo: um estudo do Jornal Hoje. **Revista Extraprensa**, São Paulo, Brasil, v. 13, n. 1, p. 185–207, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/158986>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SGORLA, Fabiane, FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Estratégias e operações de auto-referencialidade no Telejornalismo. In: VI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. Anais... Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo: São Paulo, 2008, p. 01-10.